

**“E os olhares que ela estava recebendo?”:  
*Identidade em preto e branco***

**"What about the looks she was getting?":  
*Identity in black and white***

Glauber SOARES JUNIOR<sup>1</sup>  
Juracy Assmann SARAIVA<sup>2</sup>  
Claudia SCHEMES<sup>3</sup>

### Resumo

Nesse artigo, analisa-se o filme *Identidade* (2021), com base nos conceitos de cultura, identidade, cisão, representação, colorismo e racismo. A análise sustenta-se em referências bibliográficas, e chega à conclusão de que, no filme, o negro é subjugado pela ótica do branco, o que interfere na formação de sua identidade. Nesse processo, o sujeito negro busca formas de se igualar ao branco e, na tentativa de construir outra identidade, usa máscaras que lhe permitem atravessar as fronteiras da segregação racial e ocupar espaços que lhe são vedados, mas isso o leva a um conflito de identidade quanto ao seu próprio grupo social.

**Palavras-chave:** Identidade. Cultura. Colorismo. Racismo.

### Abstract

This article analyzes the film *Passing* (2021), starting from the concepts of culture, identity, schism, representation, colorism and racism. The analysis is based on bibliographical references, and concludes that, in the film, the black subject is subjugated by the white point of view, which interferes in the formation of his identity. In this process, the black subject seeks ways to equate himself to the white and, in an attempt to construct another identity, uses masks that allow him to cross the boundaries of racial segregation and occupy spaces that are forbidden to him, but this leads to a conflict of identity in terms of his own social group.

**Keywords:** Identity. Culture. Colorism. Racism.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Processos e Manifestações Culturais (Universidade Feevale/Novo Hamburgo/RS).  
E-mail: glaubersoares196@hotmail.com

<sup>2</sup> Pós-doutora em Teoria Literária (Unicamp). Professora de pós-graduação da Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS). Pesquisadora em produtividade do CNPq. E-mail: juracy@feevale.br

<sup>3</sup> Doutora em História (PUCRS). Professora do PPG: Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS). E-mail: claudias@feevale.br

## Introdução

Nas últimas décadas, os debates que focalizam as temáticas da cultura em face a problemática do racismo efervesceram nos campos acadêmico e das artes. Por essa ótica, a temática da representação e, a mais comumente, a falta de visibilidade do sujeito negro passa a ser discutida em produtos culturais, especialmente em filmes e obras literárias. Com essa premissa, assim como compreende Frota (2020), o cinema, que é, em sua substância, um aparelho de entretenimento, também é utilizado para apresentar temas relevantes que merecem reflexões. Portanto, as narrativas fílmicas são manifestações culturais que exercem funções sociais ao representar, ficcional e criticamente, situações problemáticas da realidade.

Sob tal perspectiva, este artigo tem por objetivo discutir aspectos do filme *Identidade* (2021), dirigido por Rebeca Hall<sup>4</sup>, ao entender que ele problematiza tensões que envolvem a questão racial, buscando-se, pois, interpretá-lo vinculado aos conceitos de cultura, identidade, representação e cisão, racismo e colorismo.

## **Análise fílmica: processos metodológicos e interlocuções com a teoria**

Em termos metodológicos, o artigo procede a uma abordagem qualitativa e do tipo exploratório-descritiva. Assim, centra-se na análise fílmica, com foco no conteúdo, em que, de acordo com Penafria (2009), se considera o filme como um relato, cuja observação se concentra em seu tema. Segundo a autora, essa análise faz um resumo da história, expõe a temática do filme e interpreta esse objeto de estudo por meio de fundamentos teóricos.

No que diz respeito aos conceitos teóricos que sustentam essa análise, o artigo apoia-se em Roque Laraia (2007) e José Luís Santos (2006)<sup>5</sup>, autores utilizados para estabelecer o a concepção de cultura, amparada, sobretudo, na perspectiva antropológica. A cultura é constituída pela linguagem, e suas construções estão em constante transformação. Ela passa a existir a partir do momento em que o homem consegue produzir e reconhecer símbolos, estabelecer comunicação, transmitindo, por conseguinte,

---

<sup>4</sup> Atriz e diretora cinematográfica britânica, vivendo e trabalhando nos Estados Unidos.

<sup>5</sup> Os estudos de Roque Laraia são anteriores aos de José Luís Santos e, por essa razão, ele é citado antes, ainda que a data de publicação das obras não corresponda a essa anterioridade.

ensinamentos. Nessa acepção, a cultura é produzida, influenciada e geradora de influências sobre os homens, estando sempre em transformação.

Para Laraia (2007), culturas são lentes de que os homens se utilizam para ver o mundo. Em direcionamento semelhante, Santos (2006) afirma que culturas são modos diferentes de organizar a vida social, de produzir e expressar uma determinada realidade. A cultura diz respeito a toda a humanidade, mas também a grupos sociais que são variados. Dessa forma, as realidades culturais são distintas e dependem do contexto. Os elementos da cultura organizam a vida social e são comunicados como ensinamentos, estabelecendo a endoculturação (LARAIA, 2007). Em síntese, entende-se que a cultura é um conjunto de signos que traduzem sentidos de uma sociedade. Nessa acepção, afirma-se que uma sociedade se reconhece enquanto grupo a partir de elementos que compõe sua identidade cultural.

A cultura manifesta e constitui identidades individuais e coletivas. No que diz respeito ao conceito de identidade cultural e social, apoiados em Todorov, (2003), Hall, (2006) e Charaudeau (2009), concebe-se que as identidades são discursos e representações do sujeito, que se constituem na relação dele com o outro. Todavia, essas relações nem sempre são harmoniosas, e elas podem provocar situações de confronto, vivenciadas na forma de rupturas lacunas ou de cisão. Conforme salienta Souza (2004) ao citar Bhabha, a cisão é o desejo do colonizado de ocupar o local do colonizador, mas sem abdicar de seu espaço enquanto colonizado, o que causa uma lacuna na construção de sua identidade, que se expõe como fraturada. Essa se mostra nos discursos que instituem a representação do sujeito.

No que concerne ao conceito de representação, Hall (2016) elucida que ela é a prática de colocar alguma coisa no lugar de outra, isto é, de produzir significados por meio da linguagem. No âmbito das culturas e de suas manifestações, constituem-se identidades – representativas de sujeitos – marcadas por preconceitos raciais ou étnicos, que produzem estereótipos que marginalizam os indivíduos. Pessoas negras, devido à cor de sua pele, sofrem preconceitos e são muitas vezes marginalizadas, processo que está na base das reflexões de Fanon (2008), Hunter (2007) e Devulsky (2021). Para esses autores, o racismo e o colorismo estão associados: o primeiro decorre de preconceitos, e o segundo remete a benefícios que pessoas com tons de pele mais clara podem usufruir, negando, de certa forma, suas origens.

Por essas elucidações, compreende-se que

Estudar as relações entre o racismo e a cultura é levantar a questão da sua ação recíproca. Se a cultura é o conjunto dos comportamentos motores e mentais nascidos do encontro do homem com a natureza e com o seu semelhante, devemos dizer que o racismo é sem sombra de dúvida um elemento cultural. Assim, há culturas com racismo e culturas sem racismo (FANON, 2018, p. 78-79).

Nessa lógica, ainda com apoio em Fanon (2018), este artigo assume o seguinte posicionamento: se a cultura, que é algo complexo, não é estática e passa por transformações, as formas de racismo também se modificam, renovam-se, matizam-se, remodelando, por conseguinte, suas maneiras de expressão. No caso do filme em análise, esta modificação está inscrita na tensão instalada pelo colorismo, e essa problemática é pauta da seção posterior.

### **Problemas suscitados pelo filme ‘*Identidade*’**

O título original do filme *Identidade* é *Passing*, que, em tradução livre para o português significa passagem, do verbo passar, ou falecimento, morte. O título em inglês resume o enredo do filme, uma vez que, nele, é retratada a história de uma mulher negra que se faz passar por branca. Segundo Figueira (2020), a significação do termo remete à transgressão da fronteira racial, sendo utilizado, nos Estados Unidos, para referir a ação de uma pessoa que consegue se passar por branca, embora seja de outro grupo racial.

O filme *Identidade*, por meio de elementos como o vestuário, a música, as casas e carros, situa a narrativa na cidade de Nova York da década de 1920, quando havia forte tensão relacionada à segregação racial. Por meio de detalhes fílmicos, como a cor e a música de ambientação, reforçados por elementos técnicos, como a realização da filmagem em um formato quadrado, na dimensão 4x3, tem-se a impressão de que, no espaço representado, tudo é restrito e fechado. Assim, já nas primeiras cenas, por meio de frases como “*todo negro é empregado*” e por diálogos sussurrados, constata-se que a temática do filme atravessa questões sociais, culturais e raciais

Nessa atmosfera, a obra cinematográfica destaca a história de duas amigas do tempo de colégio, Irene<sup>6</sup>, uma mulher negra de pele clara, e Clare<sup>7</sup>, uma mulher negra que se passa por branca. Elas se reencontram, depois de anos, em um salão de chá localizado em um hotel de luxo da cidade, que era frequentado por pessoas brancas. Com efeito, o filme focaliza essas duas personagens centrais, a relação que se desenvolve entre elas e entre suas redes.

A ambientação do filme em preto e branco realça o contraste existente entre os tons de pele (conforme Figura 1), direcionando-se, de forma sutil, para a temática do colorismo, vinculada à identidade cultural e social e ao racismo. A cultura é, pois, a temática central do filme; nele se representam os privilégios que uma pessoa pode ter na vida social por possuir pele clara, ou as dificuldades de pessoas negras, sobretudo quando retintas, que são inferiorizadas devido à tonalidade de sua pele. O preconceito racial é assinalado em diversas passagens do filme, tanto de forma sutil, como na ambientação, na demarcação de lugares, em gestos, olhares, quanto de forma abrupta e direta em falas e diálogos.

Figura 1 – O contraste entre Brian e Clare



Fonte: *Identidade*. Direção de Rebeca Hall. Nova Iorque: Netflix, 2021 (139 min).

---

<sup>6</sup> Interpretada pela atriz e cantora norte-americana Tessa Thompson (38 anos de idade).

<sup>7</sup> Interpretada pela atriz etíope-irlandesa Ruth Negga (40 anos de idade).

Portanto, as reflexões desencadeadas pelo filme têm a cultura como aspecto central, pois realidades sociais distintas são evidenciadas pela demarcação de espaços e de modos de vida que separam dois grupos dentro de uma mesma cidade: pessoas brancas vivem em determinados locais e possuem hábitos específicos, e pessoas negras, em outros. Nesse contexto, os locais a que pessoas negras pertencem são considerados inferiores, como se percebe quando Irene diz “*eu moro no Harlem ainda. Eu não costumo vir muito para esses lados*”, e Clare reage dizendo “*oh, que chato*”. O termo ‘ainda’ é usado na fala para evidenciar que o local onde Irene vive sempre foi aquele: o espaço que segrega pessoas negras.

Quanto a essa problemática, é importante reforçar a contextualização do momento histórico e cultural, vivenciado nos Estados Unidos, na época representada pelo filme, em que a segregação racial era constante. Nesse período, as instituições, o trabalho, os locais eram divididos entre brancos e negros, de forma pouco amistosa, por meio de leis e da imposição social.

Dessa forma, a discussão em torno da identidade ou da construção de identidades permeia todo o filme, por vezes de modo tênue, pela encenação, olhares, gestos, sugestões, mensagens expressas por meio de pequenos detalhes, mas também de maneira direta, em variados diálogos e cenas. Como exemplificação, tem-se o episódio em que Irene organiza um baile. Essa festividade apresenta a música, o jazz, e o modo de dançar como pertencentes à identidade negra (Figura 2).

Figura 2 – Baile organizado por Irene



Fonte: *Identidade*. Direção de Rebeca Hall. Nova Iorque: Netflix, 2021 (139 min).

Além disso, o local do baile é um espaço que suscita a curiosidade por parte de pessoas brancas, como o escritor Hugh Wentworth<sup>8</sup>, amigo de Irene, e de sua esposa Bianca<sup>9</sup>. Nesse evento, ao ver sua esposa dançando, em diálogo com Irene, Hugh diz que *“todos esses homens de cor levam uma mulher nórdica à loucura”*. O homem diz ainda que *“Bianca e a turma dela estão sempre entusiasmadas pela beleza de algum negro”*. Irene rebate ao dizer que esse interesse ocorre apenas por uma razão de atração e repulsa, já que o negro é visto como *“exótico”* e que *“o interesse pelo que é diferente”* provoca *“um certo tipo de entusiasmo. É como se sentisse alguma coisa diferente. E de repente, até mesmo, repugnante”*. O conflito relatado através dessa passagem pode ser compreendido como parte do discurso colonialista que julga a cultura negra como inferior, apresentando-a como exótica e selvagem.

A cultura de negros, que se opõe a dos brancos, é a base da narrativa fílmica, já que o longa-metragem apresenta a maneira como pessoas e grupos sociais organizam e interpretam suas vidas e também a forma como produzem suas identidades. A partir de artifícios como o do baile, tem-se a construção de um discurso simbólico que define traços identitários dos dois grupos distintos. Nesse sentido, a própria construção da identidade se dá por meio de um discurso, em que o “eu” toma consciência de si:

“[...] é o que permite ao sujeito tomar consciência de sua existência, o que se dá através da tomada de consciência de seu corpo (um estar-aí no espaço e no tempo), de seu saber (seus conhecimentos sobre o mundo), de seus julgamentos (suas crenças), de suas ações (seu poder fazer). A identidade implica, então, a tomada de consciência de si mesmo” (CHARAUDEAU, 2009, p. 1).

Nessa dinâmica, a consciência identitária do sujeito constitui-se quando ele reconhece sua diferença em relação ao outro, instalando um processo de aceitação e de rejeição do outro. Em ambas, há a afirmação de um julgamento, mas “[...] quando este julgamento endurece e se generaliza, transforma-se num estereótipo, num clichê, num preconceito [...]” (CHARAUDEAU, 2009, p. 2), problemática recorrente no filme.

A identidade das personagens centrais do filme é constituída pelo detalhamento de suas características. Irene é representada como uma mulher negra de pele clara, algo que fica evidente nas cenas em que a personagem é reconhecida como mulher branca.

---

<sup>8</sup> Interpretado pelo ator norte-americano Bill Camp (60 anos).

<sup>9</sup> Atriz não creditada.



Entretanto, trata-se de uma mulher negra, casada com um homem negro (Brian<sup>10</sup>) de pele escura, que possui dois filhos também retintos. Então, Irene vive como uma mulher negra, que possui, em sua composição familiar, pessoas que não conseguem se passar por brancas. A família de Irene reside no Harlem, bairro conhecido por ser a localidade onde a população negra habita e fica restrita, segregada.

Irene cobre o rosto com a aba do chapéu, evitando expor sua face inteiramente, e consegue se passar por branca, na medida em que possui acesso a locais onde negros retintos não são permitidos. Esse traço da personagem fica evidente desde a primeira cena do filme, em que duas mulheres brancas, em uma loja de brinquedos, buscam comprar uma boneca para presentear a sobrinha de uma delas. Escolhem uma boneca negra, pois ela serviria para demarcar os lugares que são destinados a pessoas negras, segundo a fala da senhora: *“olha só essa escurinha, essa ela vai amar. As pessoas de cor são sempre empregadas, graças a deus”*. Na mesma cena, a boneca cai da mão da senhora que proferiu a fala, e Irene a apanha do chão e a entrega. A senhora agradece a Irene louvando sua gentileza, algo que poderia não acontecer se as senhoras tivessem percebido que se tratava de uma mulher negra.

No que tange à Clare, esta é representada como uma mulher negra que, intencionalmente, se passa por branca, valendo-se de sua pele clara, de cabelos loiros e de seus traços fisionômicos, nariz delgado e lábios finos. Clare casa-se com um homem branco (John<sup>11</sup>), declaradamente racista, e possui uma filha também branca. A personagem é concebida como uma mulher rica, que circula em locais destinados a pessoas brancas.

A partir do contato estabelecido com Irene e com pessoas que faziam parte do seu círculo social, Clare começa a desejar o acesso a sua cultura primária, a cultura das pessoas negras, sobretudo quando diz que *“gostaria tanto de estar no meio dos negros de novo”*. Nessa situação complexa, Clare busca usufruir dos privilégios de ser uma mulher branca e rica, ao mesmo tempo em que quer ter acesso a um grupo de pessoas negras, para resgatar características de sua identidade cultural, vivenciada durante a infância e adolescência, em um lugar do qual ela se excluiu.

---

<sup>10</sup> Papel representado pelo ator norte-americano André Holland (42 anos de idade).

<sup>11</sup> Personagem do ator e diretor sueco Alexander Johan Skarsgård (45 anos de idade).



Esse conflito leva Clare ao problema da cisão (ou *splitting*), que ocorre quando um sujeito passa a desejar, de forma ambígua, uma aproximação e um distanciamento do sujeito que o domina. Nessa relação, o colonizado deseja ocupar o lugar do colonizador, mas, almeja, de forma simultânea, continuar mantendo o seu lugar de dominado. Esse conflito se articula a concepções teóricas apresentadas e “[...] essa cisão e a ambiguidade que a constitui é ilustrada por Fanon na metáfora da pele escura, máscara branca”, (SOUZA, 2004, n.p), que pode ser compreendida pela atitude do negro, que imita a língua e os costumes do branco, mas que não pode eliminar a cor negra de seu próprio corpo.

A compreensão da identidade como uma máscara é evidenciada no filme na maneira como Clare se porta com seu marido branco, que difere da forma como ela se conduz quando está com pessoas negras. Também é referida de forma sutil, quando Irene se esconde atrás de acessórios como o chapéu (conforme Figura 3) ao estar em locais frequentados por pessoas brancas.

Figura 3 – Irene disfarçando o rosto com o chapéu



Fonte: *Identidade*. Direção de Rebeca Hall. Nova Iorque: Netflix, 2021 (139 min).

Entretanto, a personagem Clare vive um intenso conflito de identidade porque passa pelo processo de cisão em sua tentativa de construir uma identidade que lhe permita ocupar o lugar social de uma mulher branca, mas, que, ao mesmo tempo, lhe dê a possibilidade de desfrutar de locais e características associadas a sua identidade cultural de mulher negra. A identidade é, então, produzida a partir do esforço de transformação dessa personagem, o que lhe permite assumir a imagem desejada. Todavia, como ela

passa a usar uma máscara, ocasiona uma cisão no interior de sua identidade, assim como conceitua Souza (2004). Dessa forma,

[...] a cisão e a angústia no processo de identificação surgem justamente na percepção do espaço intersticial e relacional entre a imagem (a máscara) e a pele; e a percepção desse espaço faz com que o sujeito se esforce mais ainda a tentar eliminar a distância inapagável entre a máscara e a pele, na busca por uma imagem ‘autêntica’ (SOUZA, 2004, n.p).

A divisão do sujeito e sua angústia, gerada pela consciência do não pertencimento e da não legitimação, é, portanto, o dilema preponderante no filme, sobretudo devido à “escolha” de Clare de se passar por mulher branca e de casar com um homem branco, que se expõe com falas e comportamentos racistas e que jamais se casaria com ela se soubesse que é uma mulher negra. Quando reencontra Irene, Clare conscientiza-se de sua dualidade identitária e, através de uma carta, diz à amiga que *“nessa minha vida sem cor, eu procuro sempre pelo brilho daquela outra vida, da qual pensei que seria feliz em estar livre”*

Por meio da mensagem de Clare, relacionada a suas características identitárias, consegue-se compreender o que Charaudeau (2009) denomina identidade social, cuja peculiaridade é a premência do reconhecimento pelo outro, reconhecimento que legitima o sujeito. No filme, a formação da identidade de Clare, bem como a de outras personagens, perpassa pela busca da aceitação, tanto por pessoas brancas, quanto por pessoas negras. E isso é compreendido pela forma distinta como a personagem age, seguindo valores que são aceitos por cada um desses grupos sociais. Em tal processo, “[...] a legitimidade depende de normas institucionais, que regem cada domínio da prática social e que atribuem funções, lugares e papéis aos que são investidos através de tais normas” (CHARAUDEAU, 2009, p. 3).

No âmbito da representação, a cultura, entendida como a partilha de significados em um determinado grupo social, ocupa a centralidade do filme, e dela emergem as identidades, em cujo sistema de representação há dois aspectos essenciais: o racismo e o colorismo. Logo no início do filme, após o reencontro das amigas, Clare convida Irene para ir ao local onde está hospedada. Enquanto conversam, chega o marido de Clare, John. Nessa cena, John expõe claramente seu racismo, proferindo dois enunciados preconceituosas: no primeiro, refere-se à esposa, afirmando: *“quando nos casamos, essa mulher era branca como um lírio. Mas com o passar do tempo, ela parece estar*

*escurecendo mais e mais. Então eu disse a ela: se não se cuidar, você vai acordar e se transformar em uma negra*". John utiliza a palavra 'negra' como atributo depreciativo e, na sequência, quando indagado por Irene se não gosta de pessoas negras, responde: "*não é que eu não gosto, eu odeio*" (John). Ele justifica sua resposta dizendo que negros vivem em meio a "*uma bagunça terrível: roubos, mortes, é muito triste*".

O posicionamento de John evidencia a tentativa de atribuir à cultura uma origem biológica ou geográfica, que garantiria características inatas a determinados grupos. Laraia salienta que "são velhas e persistentes as teorias que atribuem capacidades específicas inatas a "raças" ou a outros grupos humanos." (LARAIA, 2007, p. 17), mas ele desmistifica essa visão, garantindo que as diferenças comportamentais entre indivíduos são oriundas da cultura que condiciona o olhar do homem sobre o mundo.

O posicionamento de Santos (2006), tal qual o de Laraia (2007), mostra que o empenho na classificação de culturas é usado para justificar o domínio de algumas sociedades em relação a outras, sendo também um berço de ideais racistas. Isso fica evidente no filme, quando John, um homem branco repudia o outro por ser negro, e quando Hugh e sua esposa frequentam locais da sociedade negra para encontrar curiosidades de uma raça considerada exótica.

Hall, entretanto, (2006) enfatiza que raça não é uma categoria biológica, mas sim discursiva, embora a diferença genética, que caracteriza pessoas pelo tom da pele, seja um recurso utilizado por ideologias racistas. Para Hall, a categoria raça é

"[...] organizadora daquelas formas de falar, daqueles sistemas de representação e práticas sociais (discursos) que utilizam um conjunto frouxo, frequentemente ponto específico, de diferenças em termos de características físicas - cor da pele, textura do cabelo, características físicas e corporais, etc. - como marcas simbólicas, a fim de diferenciar socialmente um grupo de outro" (HALL, 2006, p. 62-63).

De forma similar, Fanon (2008) contribui com a discussão ao dizer que, no sistema de colonização, o homem branco subjuga o negro, afirmando que este não possui cultura e nem passado histórico, uma visão preconceituosa que atribui características de selvageria ao homem de cor. (FANON, 2008).

Isso pode ser observado no filme, sobretudo, quando John categoriza pessoas negras como sendo selvagens e desprovidas de organização social. Ele repete a visão de grupos sociais específicos, para quem negros não possuem costumes, ritos, religião.

Definindo o mundo de forma rígida, negando qualidades ao outro e hierarquizando categorias, esses grupos são responsáveis pela formação de preconceitos e pela divisão entre segmentos sociais a partir das nuances de cor da pele.

Além do preconceito racial, o filme trata da problemática do colorismo, demonstrado no contraste entre Irene e sua criada. Irene possuía privilégios por ter um tom de pele claro e conseguir frequentar locais dominados por pessoas brancas e também por ter uma criada, Zu<sup>12</sup>, uma mulher negra retinta, que aparece trabalhando em todas as cenas, sendo submissa e tratando sua patroa como “*madame*”. Em uma cena específica, (Figura 4), no momento em que Zu serve uma bebida para Irene que estava sentada à mesa, o ângulo, o enquadramento da fotografia e os tons da filmagem – que igualam as duas mulheres – são artifícios que propiciam a interpretação de que ambas poderiam ter vivências parecidas, pois são duas mulheres negras que moram na mesma localidade. Entretanto, a negra retinta está em uma posição diferente da mulher que possui pele clara, o que reforça sua relação de subordinação.

Figura 4 – Zu servindo Irene



Fonte: *Identidade*. Direção de Rebeca Hall. Nova Iorque: Netflix, 2021 (139 min).

Com efeito, o colorismo,<sup>13</sup> como demonstrado no filme, é um processo que beneficia pessoas de pele clara em relação às de pele escura, como Irene, diante de sua

<sup>12</sup> Personagem da atriz Ashley Ware Jenkins (sem informações relacionadas a nacionalidade e idade).

<sup>13</sup> O colorismo tem relação direta com o racismo em todo o mundo e, por meio de imagens divulgadas nas mídias, esse ponto de vista fomenta ser o corpo branco e magro o padrão do que é considerado belo e ideal. Ele, igualmente, contribui para a estruturação da indústria do branqueamento, por meio de cosméticos e cirurgias plásticas, que movimentam grandes quantidades monetárias (HUNTER, 2007).

empregada Zu, e como Clare, diante de Irene e dos demais negros, particularmente diante de Brian, marido de Irene. Consequentemente, o colorismo é um braço do racismo, pois, tendo na sua base a idealização do branco, hierarquiza a sociedade, transformando pessoas de um mesmo grupo étnico-racial, negros claros e negros retintos, em oponentes (HUNTER, 2007; DEVULSKY, 2021). O filme não focaliza esse conflito, mas traduz o problema da fragmentação da identidade gerado pelo colorismo: Clare, a negra que assume a identidade de mulher branca, ao ter consciência da lacuna entre sua aparência e sua origem, vive o conflito da divisão, ainda que finja ignorá-lo. Incapaz de anular a dualidade que imprimira a sua vida, Clare age perigosamente e vai ao encontro da morte. Dessa forma, a cena do filme que expõe o assassinato, o suicídio ou a morte acidental de Clare reproduz a morte metafórica que ela se impusera ao negar sua própria identidade. Sob esse aspecto, o título original do filme, *Passing*, concentra tanto a passagem de Clare de um grupo social para outro quanto seu passamento ou morte, cujo motivo o título da versão em português explica: *Identidade*

### **Considerações finais**

O presente artigo sustenta a análise de aspectos do filme *Identidade* em concepções teóricas, para, por meio do entrelaçamento de posições de diferentes autores, elucidar a inter-relação entre a narrativa fílmica e os conceitos de cultura, representação identidade, cisão, racismo e colorismo. Fazendo parte de um conjunto de possíveis manifestações de cultura, o filme institui um mundo ficcional que se detém na realidade, ainda que com ela não se confunda, para representar relações humanas. Essas se conjugam ao complexo da vida humana ou ao universo da cultura em que se expõe costumes, hábitos, regras de comportamento social, leis, valores, crenças. Dessa forma, o filme representa, isto é, traz signos que remetem ao contexto da cidade de Nova York, durante a década de 1920, e enfoca o problema da divisão social e racial, que distinguia os indivíduos brancos dos negros, negando a esses os direitos plenos reservados àqueles.

Todavia, como o filme evidencia, os limites impostos aos indivíduos não impedem que eles atribuam sentido às suas experiências e assumam uma posição de sujeito diante da sociedade, ou seja, que se apropriem de uma identidade. Na narrativa fílmica, as

personagens assumem sua identidade de pessoas negras, em um ambiente regulamentado por pessoas brancas, destacando-se, porém, a rebeldia de Clare ao cerceamento imposto pela hegemonia branca: ela se vale de seus traços físicos para fazer-se passar por uma mulher branca e casa-se com um homem francamente racista, ignorando as agressões que ele dirige aos negros.

No comportamento de Clare, que nega a si mesma para fugir do que a diminui, a narrativa denuncia a existência de estereótipos, criados pelo olhar preconceituoso de indivíduos, incapazes de reconhecer sua própria humanidade no “outro”. Também Irene, que representa uma mulher negra, socialmente bem situada, vive situações de apreensão, porque percebe, no entorno, discriminações e julgamentos que estão implícitos à frase que se repete durante o filme: “*e os olhares que ela estava recebendo*”.

Com efeito, embora não exponha atos de violência, o filme denuncia o racismo e o colorismo, uma das formas de exaltação da branquitude, os quais influenciam a constituição da identidade do negro e o modo como a linguagem expressa sua representação. Paralelamente, a narrativa fílmica concentra-se no drama da ruptura ou da divisão da identidade, trazendo o dilema de Clare que, vivendo um processo de cisão, não é branca, mas também já não é genuinamente negra. Consequentemente, a morte de Clare metaforiza a aniquilação da identidade do sujeito que se anula para imprimir, em seu corpo, os valores que circulam nos discursos da sociedade.

Pelo tratamento conferido ao tema da cultura, da identidade e do racismo, pelo uso dos recursos da linguagem fílmica com que lhes dá forma e pelas reflexões que suscita, *Identidade* se revela como uma realização simultaneamente artística e ética, que valoriza o cinema como veículo de transformação social.

## Referências

CHARAUDEAU, Patrick. Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional. *In*: PIETROLUONGO, Márcia. (Org.) **O trabalho da tradução**. Rio de Janeiro: Contra Capa, p. 309-326, 2009.

DEVULSKY, Alessandra. **Colorismo**. São Paulo: Jandaira LTDA, 2021. 224 p.

FANON, Frantz. Racismo e Cultura. **Revista Convergência Crítica**, [S. L.], n. 13, p. 78-90, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/convergenciacritica/article/view/38512>. Acesso em: 20 ago. 2022.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FIGUEIRA, Ana Maria da Luz Nunes. **Passing na Literatura Norte-Americana: de narrativas de transgressão da “linha da cor” a lócus de questionamento sobre a construção identitária**. 2020. 343 f. Tese (Doutorado) - Curso de Línguas, Literaturas e Culturas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2020. Disponível em: <https://run.unl.pt/bitstream/10362/107861/1/Tese%20Setembro%202020.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2022.

FROTA, Marcelo Fabrício da. Racismo em reflexão: três formas de representação para o ensino fundamental. In: Salão do conhecimento: XXV jornada de pesquisa, 25., 2020, Ijuí. **Anais [...]**. [S.L.]: UNIJUI, 2020. p. 1-11. Disponível em: <https://publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaokonhecimento/article/view/18452>. Acesso em: 20 ago. 2022.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Organização e revisão técnica: Arthur Ituassu; Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Edi. Puc Rio: Apicuri, 2016.

HUNTER, Margaret. The Persistent Problem of Colorism: skin tone, status, and inequality. **Sociology Compass**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 237-254, 3 jul. 2007. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1751-9020.2007.00006.x>. Disponível em: <https://compass.onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/j.1751-9020.2007.00006.x>. Acesso em: 12 abr. 2022.

**IDENTIDADE**. Direção de Rebeca Hall. Nova Iorque: Netflix, 2021 (139 min).

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**, 21ª edição. Zahar: Rio de Janeiro, 2007.

PENAFRIA, Manuela. Análise de Filmes: conceitos e metodologia(s). In: VI CONGRESSO SOPCOM, 6., 2009, Lisboa. **Atas [...]**. [S. l.]: Escola de Comunicação, Artes e Tecnologias da Informação, Universidade Lusófona, 2009. p. 1-10. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2022.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura?** Coleção primeiros passos. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SOUZA, L. M. T. M. de. Hibridismo e tradução cultural em Bhabha. In: ABDALA JR., Benjamin (Org.). **Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo e outras misturas**. São Paulo: Boitempo, 2004, p.113-133.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.